



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3526 - Pôster - XIV ANPED-CO (2018)
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Práticas pedagógicas docentes referentes à escrita em uma sala de 1º ano do ciclo de alfabetização em uma escola municipal de Cuiabá.

Nilza Cristina Gomes de Araújo - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Zânia Flavia Araújo Costa Freitas - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Com o objetivo de entender como se configuram as práticas pedagógicas docentes que envolvem a escrita em uma sala de 1º ano do ciclo de alfabetização em uma EMEB de Cuiabá buscar-se-á neste pôster, delinear um pouco sobre como as práticas de produção escrita efetivamente foram trabalhadas no cotidiano da professora participante desta pesquisa, bem como, traçar seus sucessos, dificuldades e resultados de trabalho alcançados, de forma a poder compreender também como se constitui o fazer pedagógico diário de professores que atuam no 1º ano do ciclo de alfabetização. Os dados desta pesquisa, foram coletados entre os meses de agosto a outubro de 2017, através de observações realizadas a partir de visitas em uma escola municipal de Cuiabá. Buscou-se observar e descrever as ações docentes referentes à alfabetização de crianças entre 6 e 7 anos de idade em uma turma formada por 25 alunos. Após três meses de coleta de dados, análise e reflexão teórica, constatou-se que a professora alfabetizadora procurou elaborar e desenvolver com dedicação seus planos de aulas, bem como se utilizou de formas metodológicas variadas para ensinar a ler e escrever seus alunos notando-se nítido avanço nas aprendizagens das crianças no que concerne a alfabetização.

Práticas pedagógicas docentes referentes à escrita em uma sala de 1º ano do ciclo de alfabetização em uma escola municipal de Cuiabá.

Resumo

Com o objetivo de entender como se configuram as práticas pedagógicas docentes que envolvem a escrita em uma sala de 1º ano do ciclo de alfabetização em uma EMEB de Cuiabá buscar-se-á neste pôster, delinear um pouco sobre como as práticas de produção escrita efetivamente foram trabalhadas no cotidiano da professora participante desta pesquisa, bem como, traçar seus sucessos, dificuldades e resultados de trabalho alcançados, de forma a poder compreender também como se constitui o fazer pedagógico diário de professores que atuam no 1º ano do ciclo de alfabetização. Os dados desta pesquisa, foram coletados entre os meses de agosto a outubro de 2017, através de observações realizadas a partir de visitas em uma escola municipal de Cuiabá. Buscou-se observar e descrever as ações docentes referentes à alfabetização de crianças entre 6 e 7 anos de idade em uma turma formada por 25 alunos. Após três meses de coleta de dados, análise e reflexão teórica, constatou-se que a professora alfabetizadora procurou elaborar e desenvolver com dedicação seus planos de aulas, bem como se utilizou de formas metodológicas variadas para ensinar a ler e escrever seus alunos notando-se nítido avanço nas aprendizagens das crianças no que concerne a alfabetização.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Escrita. 1º ano do ciclo de alfabetização.

À medida que novas condições sociais passam a demandar o uso da escrita e que a sociedade torna-se cada vez mais grafocêntrica, uma nova necessidade configura-se: não basta aprender a ler e a escrever, é preciso usar a escrita no cotidiano. Nas últimas décadas tem-se discutido a importância da alfabetização enquanto domínio do código, pois as novas condições sociais exigem o aprimoramento dos usos da leitura e da escrita nos diferentes gêneros textuais. Ou seja, nas sociedades tecnológicas, há a necessidade de além de se decifrar o código escrito, usá-lo com eficiência e competência nos mais variados contextos sociais. Desta forma, faz-se pertinente questionarmos como tem se configurado as práticas pedagógicas docentes que envolvem a escrita em uma sala de 1º ano do ciclo de alfabetização?

A partir deste questionamento, percebe-se que as novas condições sociais exigem o aperfeiçoamento cada vez maior da utilização da escrita e leitura nos diferentes espaços sociais, como nos aponta Soares (2004) a escrita atualmente se constitui como um bem social indispensável para enfrentamento da realidade cotidiana.

Enquanto prática social, a escrita tem uma história rica. Numa sociedade como a nossa, a escrita é mais do que uma tecnologia; ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos, seja no contexto do campo. Com o desenvolvimento das sociedades, o domínio da escrita passou a ser uma necessidade emergente, o que levou a alfabetização a assumir gradualmente um papel social essencial. É bem aceito que a escrita é um dos fatores que contribuem para a melhoria da qualidade de vida de uma sociedade. Exemplos em nosso cotidiano, de como a escrita se torna essencial, fundamental na vida de um cidadão são inúmeros. Desde a leitura de um rótulo de um produto na prateleira do supermercado, a visualização e entendimento de um painel de um ônibus para seguir um caminho certo, a distinção de um banheiro masculino de um feminino em locais públicos, a leitura de placas e outdoors nas ruas...

A discussão sobre as práticas pedagógicas referentes à escrita de uma docente do 1º ano do ciclo de alfabetização apresentada por este pôster está vinculada a uma pesquisa mais ampla intitulada Alfabetização e letramento: práticas pedagógicas de professores da pré-escola e 1º ano do ciclo de alfabetização, em duas escolas municipais de Cuiabá-MT, de um grupo de pesquisa e estudos sobre linguagem oral, leitura e escrita na infância na qual fiz parte como integrante e bolsista de iniciação científica voluntária – VIC.

As práticas de observação realizadas nesta pesquisa ocorreram em uma escola municipal na cidade de Cuiabá e tiveram seu início em agosto de 2017 e término em outubro de 2017, foram observadas 16 aulas com duração de quatro horas cada, durante o período vespertino, duas vezes por semana em uma sala de 1º ano de alfabetização.

Durante esse período foram constatadas formas de alfabetização respeitando sempre a individualidade da criança e o tempo de aprendizagem, o trabalho realizado pela professora consistia em atividades efetivas que desenvolviam a oralidade, prazer pela leitura, e complementando a escrita, como nos aponta Smolka (1998):

(...) Não se trata, então, apenas de “ensinar” (no sentido de transmitir) a escrita, mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem nas suas várias possibilidades. No movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano. (SMOLKA, 1988, p.45)

Percebeu-se que a prática da professora investigada conforme Smolka (1998) envolvia não somente a escrita, mas todos os aspectos de interação e diálogo que a alfabetização precisa compor. Durante o período de observação foram constatadas rotinas de leitura, contos e recontos de histórias pelas próprias crianças. Nesse sentido, ficou explícito o objetivo era o de despertar na criança o prazer pela leitura e conscientizar sobre a importância da leitura na vida e em sua formação.

Pensando no objeto de estudo desta pesquisa, que é a escrita nos anos iniciais, em específico no 1º ano de alfabetização, foi constatada ainda a presença marcante da teoria da psicogênese da língua escrita, a professora tem total domínio em identificar os níveis das hipóteses da psicogênese e trabalhar em específico com cada aluno, vale salientar que na sala estão matriculadas 25 crianças e a identificação é feita individualmente. Sobre a Psicogênese da Língua Escrita, Albuquerque (2015) nos apresenta que no

Campo da Psicologia, foram muito importantes as contribuições dos estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita, desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1984). Rompendo com a concepção de língua escrita como código, o qual se aprenderia considerando atividades de memorização, as autoras defenderam uma concepção de língua escrita como um sistema de notação que, no nosso caso é alfabético. (ALBUQUERQUE, 2005, p.15).

O diagnóstico de cada fase da Psicogênese era feito pela docente observada uma vez ao mês através de ditados. A professora fazia ditados com palavras do mesmo segmento, buscando facilitar para a criança a percepção de sentido ao que ela estava escrevendo, contrariando o método tradicional de alfabetização. Para Coutinho (2005) a concepção tradicional de alfabetização se traduzia pelo,

(...) domínio da técnica de escrever, não importando propriamente o conteúdo. Era comum as crianças terem de copiar escritos que não faziam para elas o menor sentido: “O boi bebe”, “Ivo viu a uva” e tantas outras sem sentido, mas sempre presente em cartilhas e nos textos artificializados criados com o único objetivo de “ensinar a ler e escrever”, pois se acreditava que se aprendia a ler e a escrever memorizando sons, sílabas e letras. (COUTINHO, p.47, 2005)

Pode-se dizer, que o método tradicional de alfabetização definitivamente não faz nenhum tipo de sentido para a criança, e nesta pesquisa, verificou-se que a criança percebendo as palavras que fazem parte do seu dia a dia, consegue refletir e reconhecer na escrita seu verdadeiro sentido.

Para ilustrar um pouco da prática pedagógica desenvolvida pela professora em sua sala de 1º ano, que aconteceu no início de agosto de 2017, a partir da entrada de um aluno novo em sua classe, com idade de 6 anos, que se mudara de outra cidade para Cuiabá, pode-se dizer que esta criança não conseguia reconhecer as letras, números e nem mesmo a escrita seu próprio nome, constatando-se o nível silábico com valor sonoro da Psicogênese. A partir desta situação detectada, a professora iniciou um trabalho específico para esse aluno através de tarefas com palavras familiares e seu nome próprio, intensificando atividades de leitura, bem como o chamava para participar de reconto de histórias, desenvolvendo também sua oralidade que apresentava dificuldade. Ao findar o período de observação, foi visível os avanços que essa criança obteve, pôde-se presenciar o aluno escrevendo corretamente tudo o que lhe era atribuído, avançando para o nível de escrita alfabética.

As atividades diversas que a professora desempenhou tanto dentro como fora de sala de aula foram de extrema importância para a alfabetização. A docente conforme nos aponta Smolka (1988), conseguiu realizar a inclusão de cada aluno de sua sala no processo de alfabetização. Conseguiu independente do grau de dificuldade de cada criança proporcionar um processo que transmitia respeito às diferenças, as dificuldades de aprendizagem e tempo de cada criança.

Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Cami Ferraz. Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma

das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E. & LEAL, T.. (Org.). Alfabetização: Apropriação do sistema alfabético. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, v., p. 47-69.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita. A alfabetização como processo discursivo. Editora Cortez. 1988. São Paulo.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF. São Paulo: Global, 2004.